

**O INFINITIVO LATINO
EM FACE AO INFINITIVO PORTUGUÊS:
ASPECTOS EVOLUTIVOS**

Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira (UCSal/UNEB/UNIFACS)

I – O INFINITIVO LATINO

“*O infinitivo é uma conquista da abstração*” (Breal)²⁰

1. Caracterização

Infinitivo é o modo impessoal do verbo, ou seja, o modo que relata a ação verbal sem flexionar-se nas diferentes pessoas gramaticais. Abra-se exceção, porém, para algumas línguas, como o leonês e o napolitano que, no passado, possuíram um If flexionado, e para o português que, ao lado de uma forma impessoal, possui, como uma peculiaridade sua entre as línguas românicas, outra, pessoal, flexionada.

Antigo substantivo, o If latino é uma forma impessoal do sistema do *Infectum*, participando, ao mesmo tempo, da natureza do verbo e do nome. É, pois, um substantivo verbal ou uma forma verbo-nominal. Seu caráter nominal – atua como sujeito, objeto direto e predicativo, equivalendo, portanto, ao nom. ou ac. –, é ressaltado em expressões em que ele vem determinado por certos dos tipos pronomes possessivos, demonstrativos ou indefinidos. Como verbo, possui diferentes tempos (Pr, Pt e Ft), é utilizado nas vozes ativa e passiva e, em determinadas situações, admite sujeito.

2. Morfologia

Como já se disse, o If latino possuía formas distintas para as vozes ativa e passiva, nos tempos Pr, Pt e Ft. Nestes últimos, seu uso era pouco comum, principalmente no latim tardio, e não foi conservado nas línguas românicas. O IfPr era usado com maior frequência, tanto na língua culta quanto na cotidiana, substituindo até outras formas verbo-nominais, como o Sp, o Gd e o Gv que, no latim clás-

²⁰ Apud Ribeiro (1983:249).

sico, servia como casos oblíquos do If.

Segundo Faria (1995), em ambas as vozes, o IfPr era constituído por antigas desinências casuais e marcado pelo sufixo *-se*, que aparece intacto no IfPr do verbo *sum* (esse = ser) e na formação do *Perfectum* (como em *amavisse*). Por um rotacismo, esse sufixo teria se transformado em *-re*.

Em se tratando de uma formação própria do latim, não se pode afirmar indubitavelmente a sua origem. Pode-se considerá-lo uma antiga desinência de locativo singular da 3ª declinação ou, talvez, um antigo abl. instrumental. Por sua vez, os If passivos em *-(r)i* podem ser considerados dat. ou simplesmente refeitos do If ativo em *-re*.

Formado do radical do *Infectum*, o IfPr divide os verbos latinos em grupos mórficos denominados conjugações: na voz ativa, a primeira tem tema em *-a*, If em *-are* (*tentare*); a segunda, em *-ē*, If em *-ere* (*debere*); a terceira, em *-ē*, If em *-ere* (*scribere*); e a quarta, em *-i*, If em *-ire* (*audire*). Na passiva, conservado o tema, transforma-se o sufixo *-re* em *-ri* em todas as conjugações (*sectari*, *deleri*, *audiri*), exceto na 3ª, que desenvolve o alomorfe *-i* (*loqui*).

Com o radical do *Perfectum* e o sufixo *-isse* forma-se o IfPt da voz ativa (*petransisse*). Na passiva, a construção é analítica: acrescenta-se ao PaPt neutro da forma verbal o IfPr do verbo *sum* (*laudatum esse*).

O IfFt ativo é provavelmente formado do participio em *-to* mais o sufixo *-ro*, donde as formas em *-URUM*, *-URAM*, *-URUM*, todas acusativas, note-se (*laudaturu(a)m esse*). Embora compostas, as formas passivas, estereotipadas e de raríssimo uso, são invariáveis. Formam-se com o tema do supino acrescido de *-UM* e da forma *iri* (*laudatum iri*).

Resumindo, as desinências do If latino, nos seus três tempos, quatro conjugações e duas vozes são as seguintes:

Conju- gações	Tema do...					
	Infectum		Perfectum		Supino	
	Presente		Pretérito		Futuro	
	voz ativa	voz pas- siva	voz ativa	Voz pas- siva	Voz ativa	voz pas- siva
1ª	-are	-ari				

2ª	-ere	-eri	-isse	-um + es- se	-uru(a)m + esse	-um + iri
3ª	-ëre	-ëri				
4ª	-ire	-iri				

3. Sintaxe

Com suas características verbo-nominais, o If atua na oração como nom. ou ac. e flexiona-se em tempo e voz, podendo até, como no caso de algumas línguas românicas, notadamente, o português, receber desinência pessoal. Além disso, em latim, aparece nas chamadas orações infinitivas, com sujeito próprio no ac. ou com o mesmo sujeito da oração principal.

O If latino conserva a regência imanente ao verbo. Assim, pode apresentar-se intransitivo (“*Non arbitor hunc Angelum de minoribus esse...*” = “Não concebo que este anjo *seja* da mais ínfima das legiões dos espíritos celestiais”), transitivo (“*Qui noverit sugere mel de petra olumque...*” = “... ..”) ou de ligação (“*a Nazareth potest aliquid boni esse*” = “Vejam os de Nazaré pode sair algo bom”).

Numa oração independente, aparece em narrações, sendo denominado *infinitivo histórico* (“*Deus respondere dignatur...*” = Deus dignou-se a responder:...), ocasião em que, muitas vezes, substitui o IdPt1 (“... *de quibus gloriari solebant et dicere*” = de que tanto se orgulhavam e proclamavam), com que também se alterna no mesmo período (“*Dei quippe virtutem Christum quem melius nuntiare decebat*” = quem poderia anunciar-lhe mais dignamente...).

Pode também apresentar-se como: um sujeito absoluto, em sua acepção mais geral, com a noção nominal reforçada (“...*non solum videre et audire, sed etiam portare, amplecti, deosculari, nutrire et custodire...*” = “...não só ver e ouvir, como também levar, conduzir, abraçar, beijar, nutrir e cuidar...”); complemento de outro verbo, aproveitando o mesmo sujeito já expresso (“...*quia Virginem natura pavidam, simplicem, verecundam confortare deberet*” = “...porque teve de fortalecer a uma virgem tímida, humilde e pudorosa”). Pode, ainda, possuir um sujeito próprio sempre no ac., o que configura a oração infinitiva, (“*Scribere me*²¹ *aliquid et devotio iubet*” = “Já faz

²¹ Sujeito acusativo.

tempo que a devoção vem impulsionando-me a escrever algo”), acompanhado ou não de um predicativo, também no ac. (“*voluit itaque esse Virginem*²²...” = “por isso quis ser [Maria] virgem”).

Além disso, há o uso de um *infinitivo exclamativo*, acompanhado ou não da enclítica *ne*, para exprimir admiração ou surpresa. Seu sujeito é sempre um ac. (“*Disce, homo, obædire; disce, terra, subdi; disce, pulvis, obtemperare.*” = “Aprende, pois, homem, a obedecer; aprende, terra, a submeter-te; aprende, povo, a sujeitar-te.”).

No latim clássico há registros, embora raros, de um *infinitivo de determinação*, conforme nomenclatura da gramática grega, que consistia numa forma dependente de um Pa adjetivado. Na poesia e na prosa imperiais, porém, esse uso generalizou-se para outras classes de adjetivos, principalmente para os que significam hábil, capaz, bom, fácil, etc. (“*Certe non erit tibi indignum sequi Auctorem tuum*” = Certamente para ti não será indigno seguir o teu Criador).

No latim arcaico aparece frequentemente, por importação da sintaxe grega, um If indicativo de finalidade em substituição ao Sp. Embora a prosa clássica tenha reduzido o seu emprego a duas locuções familiares (*dare bibere* e *ministrare bibere*), no nosso *corpus*, constituído de textos religiosos latinos da época do Medievo, pudemos encontrá-lo em outras expressões (“*Bonus est nos hic esse, et libet dulciter contemplari in silentio...*” = “É bom estarmos aqui para contemplar prazerosamente e em silêncio”).

3.1 As orações infinitivas latinas

Idiossincrasia sintática latina, as *orações infinitivas* são subordinadas substantivas que desempenham as funções de sujeito ou de complemento da oração principal, podendo ter sujeito próprio, sempre acusativo, ou apresentar-se sem o sujeito explícito, por ser o mesmo da oração principal.

Em latim, quando o verbo da oração principal indica declaração (*verba declarandi*) ou conhecimento (*verba sapienti*), só é possível a construção da subordinada com If, nunca com a conjunção in-

²² Predicativo no acusativo.

tegrante, como em português. Nesse caso, o sujeito é sempre ac. e, se o verbo for de ligação, o predicativo do sujeito também o será. É também devido ao uso do sujeito no ac. que o IFFt é formado pelo Pa do verbo no ac.

O predicativo de um sujeito dat. omitido na oração infinitiva e expresso na principal concorda em caso com ele. Esta construção é usual, sobretudo na prosa clássica, com o verbo *licet*.

Em relação, ainda, à presença do ac. em orações infinitivas, convém anotar a existência de uma construção de *iubere* com esse tipo oracional (“*Scribere me aliquid et devotio iubet*” = “Já faz tempo que a devoção vem impulsionando-me a escrever algo”), atestada em documentos desde o período pré-clássico até o latim tardio, segundo Vaananen ([s.d]).

As orações infinitivas subjetivas são empregadas principalmente com os verbos impessoais e grande número de expressões impessoais, como *decet*, *delectat*, *invat*, principalmente no latim arcaico e na poesia, sendo mais raras na época imperial.

As objetivas são construídas a partir de: *verba declarandi* (verbos declarativos: *declaro*, *dico*, etc.), *verba sentiendi* (verbos perceptivos: *audio*, etc.), *verba voluntatis* (verbos volitivos: *voluit*, *nuntio*, etc.) e *verba affectum* (verbos que exprimem sentimentos: *nego*, *confiteor*, etc.).

As orações infinitivas completivas, introduzidas por *verba discendi*, *verba declarandi*, *verba timenendi* e *verba impersonalia* (verbos impessoais), freqüentemente se alternam com outras completivas, de construção *ut* + subjuntivo, pelo fato de serem, em princípio, semanticamente equivalentes.

4. Mudanças gerais do infinitivo latino nas línguas românicas

Na passagem do latim para as línguas românicas, não sofreu o If marcantes modificações morfológicas ou sintáticas. Entretanto, vale notar o If pessoal, flexionado, típico da língua portuguesa. Além disso, as línguas românicas conservaram apenas o IfPr, tendo desaparecido os demais.

Conservou o If as funções subjetiva e objetiva em todas as línguas românicas. Já o gen., expresso em latim pelo Gd, nas línguas românicas, expressa-se pela construção *de + If*. Também o abl. e o ac. preposicionado do Gd transformaram-se em construções tipo preposição + If.

Vidos (1996) nota a substituição do If pelo Sb como um dos traços característicos de uma área específica da România, a Península Balcânica. De acordo com esse autor, “na realidade, o infinitivo com função verbal já quase não existe e inclusive, na língua romena literária é substituído, salvo em alguns casos especiais, pelo subjuntivo”.

Ao contrário do latim clássico, no latim vulgar não havia a noção do tempo Ft, mas o emprego do Pr como tal, caso não houvesse motivação modal específica para levar o falante a outro uso. Em grande parte da România, a combinação do If perfeito com o IdPr do verbo *habere* estabeleceu uma locução volitiva, focalizando, do Pr, a vontade de que algo se desse (futuro do presente) ou um momento pretérito (futuro do pretérito). Firmaram-se essas motivações no latim vulgar como um futuro modal, refinado, ao longo da evolução, em um futuro temporal nas línguas românicas, onde são formalmente não marcadas, mas a rigor de aspecto imperfeito. No tocante à forma, por exemplo, na evolução para o português, houve a aglutinação dos dois vocábulos e uma violenta redução fonética das formas do auxiliar: *cantare habeo* > *cantare aeo* > *cantaraio* > *cantarei*; *cantare habebam* > *cantare aea* > *cantaraia* > *cantaria*.

Lausberg (1981) afirma ser possível a finitização do If mediante a anteposição ao If do pronome de sujeito completo ou do substantivo com função de sujeito nas línguas catalã, espanhola arcaica e portuguesa. Em espanhol moderno isto também ocorre por meio de uma posposição. Em português, este tipo de finitização é empregado na nas 1ª e 3ª pessoas como forma supletiva para o If pessoal.

II – O INFINITIVO EM PORTUGUÊS

O infinitivo flexionado é o mais importante idiomatismo da língua portuguesa”.

Chaves de Melo (1957, p. 154)

1. Generalidades

Do sistema infinitivo latino, conservou o português apenas o IfPr, forma de aspecto inconcluso de uso sincrónico em construções perifrásticas (como, por exemplo, ‘vou sair’, ‘continuam a levar’, etc.) e em locuções verbais (como, por exemplo, ‘quero sair’, ‘fazemos tenção de sair’, etc.).

Das quatro conjugações latinas conservou o português apenas três, desaparecendo a 3ª, cujos verbos foram incorporados à 2ª e alguns à 4ª. Isto se deu, sobretudo, devido à mudança da quantidade vocálica da penúltima sílaba, que passou de breve a longa. Assim, por exemplo, o verbo latino *sapĕre* > lt. vg. *sapere* > port. ‘saber’. Desta forma, ficou para nós a correspondência da terminação do IfPr que identifica as conjugações:

Latim		>	português		Exemplo
Conju-gação	Termi-nação		Termi-nação	conju-gação	
1ª	Are		ar	1ª	<i>Ennarare</i> > narrar
2ª	Ere		er	2ª	<i>debere</i> > dever
3ª	Ēre				<i>Scribĕre</i> > escrever
4ª	Ire		ir	3ª	<i>audire</i> > ouvir

Ao lado da forma simples, possui o If português uma forma composta pelos verbos auxiliares *ter* ou *haver* no If mais o Pa do verbo principal (*ter* escrito), que exprime uma ação de aspecto concluso.

Quanto às funções inerentes ao substantivo assumidas pelo If latino, tem o português o mesmo comportamento: encontra-se o If português assumindo na oração os papéis de sujeito, objeto direto ou predicativo; do mesmo modo, há em português as orações infinitivas, chamadas reduzidas de If pela nomenclatura gramatical.

Como oração independente, pode ter o If valor de imperativo ou de optativo, evocando como substantivo o processo que quer ver realizado, como nos seguintes exemplos: “Não furtar”; “Ser palmeira! Existir num píncaro azulado,/vendo as nuvens mais perto e as estrelas em bando!” (Oliveira, *Poesias*, I, 263, *apud* Câmara Jr. 1986:146).

Ocorre ainda em português um latinismo sintático representa-

do pelo *sujeito acusativo*, ou seja, o If com sujeito constituído de um pronome pessoal oblíquo da série átona, como na frase “Mardoqueu se deixou conduzir pela vaidade”.

Segundo Ali (1964), ao If preposicionado transferiram-se as funções exercidas por certas formas infinitas do verbo latino que foram desaparecendo, não chegando ao introduzir-se nas línguas românicas. Assim, por exemplo, o supino em -UM, que denotava direção ou finalidade, foi substituído pelo If antecedido da preposição *a*.

Esse mesmo autor aponta a possibilidade do uso de uma construção de If com os verbos que significam *mostrar*, *pensar* e *declarar* como equivalente da oração complementar explícita.

Também o supino em -U, que se empregava como dat. e depois como abl. de um substantivo verbal (principalmente com os que significavam *dizer*, *perceber*) e se combinava com certos adjetivos e denotava direção, delimitação, foi substituído pelo If já no próprio sistema latino e corresponde, em português, ao If ora precedido de *a* ou *para*, ora precedido de *de*.

Combinado com certos adjetivos ou com o verbo *ser* ou *estar*, o If preposicionado pode ter um sentido passivo, correspondendo umas vezes ao supino em -U, outras ao gerúndio latino. Com o adjetivo *digno*, utiliza-se o If nas formas ativa, passiva e reflexiva.

Também o Gd em acusativo foi eliminado em favor do If com o qual fazia duplo papel. No caso genitivo, sofreu o resultado da evolução que levou a substituição do genitivo nos nomes pelo acusativo com a preposição *de* mais If. Do Gd, portanto, só sobreviveu o ablativo.

Passaremos agora a tratar da “mais notável aquisição do português”, segundo Cornu (*apud* Coutinho 1968), que o opõe em face às demais línguas românicas, o *infinitivo flexionado*. Antes, porém, de iniciar essa exposição, faz-se necessário distinguir esse idiomatismo português – um If dotado de desinências número-pessoais –, do que se entende por *infinitivo pessoal* – o referido a um sujeito, a uma pessoa do discurso.

Como substantivo verbal, só caberiam ao If flexões nominais de gênero, número e caso, como ocorre com o Gd. Como possui a

particularidade de poder referir a ação a um sujeito determinado e expressar este fato por meio de desinências pessoais, o If flexionado português é, portanto, uma forma verbo-nominal *sui generis*. Seus SNPs são os seguintes: Ø para P1,3; -es para a P2, -mos, -des e -em para as P4, P5 e P6, respectivamente.

2. O infinitivo flexionado

No campo da morfologia, considera-se o If flexionado um dos traços mais típicos do português, embora haja registros de seu uso, por exemplo, em alguns dialetos italianos meridionais, no espanhol arcaico, no leonês ducentista, no mirandês e no galego.

Seu uso em ambiente lusitano é antiqüíssimo, remontando a um texto do século X escrito em latim bárbaro. Além disso, pode ser atestado em galego-português e em português arcaico, nos *Livros de Linhagem* e nos cancioneiros:

“Enviava-as (as donzelas) para seerem sempre em servidon”.
(Cancioneiro da Ajuda). (...)

Se uu cavaleiro vee dous e mui boôs justarem-se...’ (Demanda do Santo Graal). (*apud* Kürner 1984, p. 161).

Essa antigüidade, contudo, é maior do ponto de vista formal do que do ponto de vista sintático, ou seja, sintaticamente é o If flexionado uma inovação. Assim, conforme ressalta Vidos (1996, p. 356), “só numa perspectiva diacrônica se torna claro que o português conservou e ampliou um fenômeno morfossintático que se encontrava também noutros territórios românicos e não-românicos (húngaro, por exemplo), enquanto o espanhol que possuía o mesmo fenômeno em sua época antiga, hoje o eliminou”.

Existem várias teses explicativas da origem do If flexionado. Uma delas, defendida por Werneck (1885), sugere que ele provenha do SbPt1 latino, com o qual praticamente coincide. Apóia esta idéia o fato de o SbPt3 latino ter gradativamente assumido a função de SbPt1, o que o teria levado a transformar-se ou desaparecer. Acredita Werneck que ele se tenha transformado no If flexionado. Elia (1979) ressalta que o SbPt1 conservou-se no português até o século XVI. A passagem do sentido do SbPt1 ao do IfPr teria sido ocasionada atra-

vés da construção com elipse da conjunção.

Michaelis Vasconcelos (1891), defendeu a tese *criadora*, pela qual o pronome dialetal *mos* (por nos), usado com o If, fora sentido como marca de flexão verbal, servindo de ponto de partida para as outras formações pessoais.

Leite de Vasconcelos (1900) desenvolveu a teoria *analógica*, pela a qual o ponto de partida do If flexionado é o emprego do If pessoal, apoiado sobre a influência analógica do SbFt.

Gramisllscheg (1913) reafirmou a doutrina de Werneck. Dessa mesma época é o trabalho de José Maria Rodrigues, que convergiu para a mesma solução, exercendo tal influência nos romanistas que até mesmo Carolina de Michaelis abandonou sua própria teoria.

Mauer Jr. (1951) retomou a tese de Leite de Vasconcelos e forneceu inúmeros argumentos contra a de Werneck. Apesar da seriedade de suas pesquisas e conclusões, a discussão ainda não se concluiu, pois, ao lado de seus argumentos, persiste, forte, a teoria Gramisllscheg-Rodrigues, aceita por boa parte dos filólogos, pela qual o If flexionado, longe de ser uma criação vernácula, representa a continuidade lingüística do latim coloquial:

latim clássico	latim coloquial	português
<i>amarem</i>	<i>Amare</i>	amar
<i>amares</i>	<i>Amares</i>	amares
<i>amaret</i>	<i>Amare</i>	amar
<i>Amaremus</i>	<i>Amaremos</i>	amarmos
<i>amaretis</i>	<i>Amaretis</i>	amaredes
<i>amarent</i>	<i>Amaren</i>	amarem

Sincronicamente, são poucos os casos em que a tradição gramatical imputa caráter obrigatório o emprego das formas flexionadas: só quando o If tem sujeito explícito ou quando há uma necessidade de, por meio da flexão, evidenciar-se com maior clareza a pessoa do verbo.

III – CONCLUSÕES

Neste trabalho, procuramos proceder um estudo da evolução do If latino para o português. Pudemos concluir que há três traços

fundamentais que diferenciam o If português em face ao latino:

- 1) a redução do quadro para três conjugações;
- 2) a inexistência da flexão em tempos pretérito e futuro, substituídos por outras formas verbais; e
- 3) a mais marcante, por ser um idiomatismo do português, a existência de um If flexionado.

Além disso, pudemos notar a conservação em português de alguns latinismos sintáticos referentes ao If, como o emprego das chamadas orações infinitivas e o uso de um sujeito acusativo.

Pesquisas posteriores certamente revelarão outras informações não só sobre a evolução das formas infinitivas para o português, como também de outras formas verbo-nominais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Manuel Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

———. *História da língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e gramática*. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 145-7.

———. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CHAVES DE MELO, Gladstone. *Iniciação à filologia portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 6ª ed./ver. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

ELIA, Silvío. *Preparação à Lingüística Românica*. 2ªed./rev./amp. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. 2ª ed. Brasília: FAE, 1995.

KÜRNER, Karl Hermann. Infinitivo flexionado e classificação das línguas. In: José G. Herculano de Carvalho & Jürgen Schmidt-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Radefeldt (orgs.). *Estudos de lingüística portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1984, p. 157-71.

LAUSBERG, Heinrick. *Lingüística românica*. 2ª ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1981.

MAUER JR., Theodoro. A significação do emprego do infinitivo flexionado português para a solução do problema de sua origem. *Anais do primeiro simpósio de filologia românica*. Rio de Janeiro: MEC/UB, 1970, p. 213-22.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1957.

VAANANEN, Veikko. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos, [s.d.].

VIDOS, Benedek Elemér. *Manual de Lingüística Românica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1961.